

# HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE: O MUNICÍPIO DE MARIA HELENA ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA

Sandra Mara Prado<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo é parte das atividades desenvolvidas no Programa de Desenvolvimento Educacional- PDE promovido pela Secretária Estadual de Educação do Estado do Paraná juntamente com a Universidade Estadual de Maringá- UEM, que discute a possibilidade da utilização da fotografia como fonte documental no trabalho com a história local e regional. O desenvolvimento de atividades com a história local e regional se constitui numa possibilidade para promover as habilidades de pesquisa, síntese, compreensão e construção do conhecimento sobre uma realidade mais próxima, onde o ponto de partida é resgatar o passado, a memória individual e coletiva. A exposição divide-se em duas partes: inicialmente, o objetivo fundamental é apresentar as principais questões teóricas que envolvem a compreensão histórica da fotografia e sua utilização como documento histórico, e de preservação da memória social. Na segunda parte apresentamos inicialmente uma discussão ressaltando a importância do trabalho com a história local, motivado, principalmente, pelo interesse pela história social, ou seja, pela intenção de recuperar a história das pessoas comuns, finalizando com o relato da experiência metodológica de uma mostra fotográfica realizada com alunos do ensino médio do Colégio estadual Professora Leonidia Pacheco, da cidade de Maria Helena, Estado do Paraná.

PALAVRAS CHAVE: memória, história local, fotografia, identidade, regional, cidades

---

<sup>1</sup> Formada em História e Ciência Contábeis pela Universidade Paranaense, pós graduada em Formação do Patrimônio Brasileiro, Professora QPM integrante do Programa de Desenvolvimento Educacional de Educação (2007) da Secretaria Estadual de Educação do Paraná e Universidade Estadual de Maringá.

## **ABSTRACT**

This article is part of the activities carried out in the Program for Educational Development EDP-sponsored by the State Department of Education of the State of Parana together with the State University of Marawi-EMU, which discusses the possibility of documentary photography as a source of working with history local and regional levels. The development of activities with local and regional history is one possibility is to promote the abilities of research, synthesis, understanding and knowledge about construction of a reality closer, where the starting point is redeem the past, the individual and collective memory. The exhibition is divided into two parts: first, the fundamental objective is to present the major theoretical issues involving the understanding of historical photography and its use as a historical document, and preservation of social memory. In the second part initially present a discussion emphasizing the importance of working with the local history, motivated, above all, by interest in social history, ie the intention of recovering the history of ordinary people, ending with the reporting of methodological experience of a show Picture done with high school students from the state College Professor Leonid Pacheco, the town of Maria Helena, State of Parana.

**KEY WORDS:** memory, local history, photography, identity, regional cities

## INTRODUÇÃO

Procurando romper com a falta de estímulo dos alunos nos horários das aulas e buscando torná-los sujeitos ativos e pesquisadores, começamos a nos indagar quais eram os instrumentos metodológicos capazes de realmente promover o processo de ensino-aprendizagem nos estudos da História do Brasil e principalmente de História do Paraná e ao mesmo tempo articulando-se simultaneamente essa experiência com questões locais e regionais.

Seguindo essas pretensões, o primeiro passo foi mapear, em nossa experiência docente, como os alunos interpretavam os temas históricos, quais eram as fontes históricas utilizadas na construção do conhecimento que mais chamavam a atenção, e percebemos o encantamento pelas imagens. Dessa forma, a utilização da fotografia como fonte documental foi escolhida por ter provocado certa inquietação nos alunos e ao mesmo tempo a curiosidade por conhecer a história daquela imagem congelada. A fotografia é indiscutivelmente um meio de conhecimento do passado, porém, por si só não representa o conhecimento definitivo, mas sim, apenas o registro de um momento, o valor histórico como fonte documental vai ser conquistado a partir da pesquisa, do estudo da imagem.

A fotografia utilizada como fonte documental mostra aspectos do real, sugere ângulos, possibilidades, apresentando uma concepção de mundo, vida e sociedade. Atualmente, o desafio de usar documentos como fonte de produção para o conhecimento histórico e também como meio para o ensino de história é muito debatido no meio acadêmico. As utilizações destes documentos muitas vezes se restringem aos contidos nos livros didáticos. O que propomos é diversificar as possibilidades do uso de documentos históricos em sala de aula e de construir uma proposta de ensino identificada com as expectativas e a cultura do aluno, tornando-o um pesquisador.

O objetivo do estudo foi de analisar a luz das fotografias coletadas as mudanças ocorridas no espaço urbano da cidade de Maria Helena no período de 1961 a 2001 (40 anos), bem como apresentar uma metodologia que motive o ensino da história local e regional e desperte a comunidade para a importância de se preservar a memória social.

O estudo da história local e regional contribui para a compreensão da história global à medida que possibilita a análise de micro-histórias, pertencentes a alguma outra história que as englobe e, ao mesmo tempo, reconheça suas particularidades.

O referencial teórico utilizado para abordar o tema memória foi centrado em Jacques Le Goff, A discussão sobre a fotografia se fundamenta principalmente em Bóris Kossoy e Ana Maria Mauad.

Neste artigo apresentamos o uso da fotografia como documento como uma possibilidade de estudo e valorização de outras fontes de pesquisa e a análise da historiografia existente sobre a colonização da região noroeste do Estado do Paraná com recorte para o município de Maria Helena.

## IMAGEM FOTOGRÁFICA, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO

Bem protegidas dentro de um álbum de família, em um porta-retrato na estante da sala, as fotografias estão por toda parte, imortalizando diferentes instantes e situações da vida. No entanto, o que para muitos significa apenas a prova de um fato, pode ser, na verdade, uma importante fonte histórica para a análise social e cultural da história.

Foi na primeira metade do século XX que a utilização da máquina fotográfica tornou-se popular. Para além da crescente e veloz evolução tecnológica que a envolveu, a fotografia passou a figurar como um discurso da verdade, importante documento comprobatório de um acontecimento.

A fotografia nasceu no século XIX, época marcada por uma concepção de História inspirada na filosofia positivista, na qual a noção de documento histórico estava associada ao valor de prova dos registros textuais, notadamente os de caráter oficial, como leis, tratados, certidões, atas. De acordo com Turazzi (2005) a exatidão e a fidelidade da representação fotográfica em relação aos demais registros visuais já existentes deram à fotografia grande credibilidade no testemunho dos acontecimentos vividos pelo homem, ofuscando assim a compreensão crítica da natureza subjetiva das informações contidas nesse tipo de fonte histórica. Para o fotógrafo norte-americano Mathew Brady (1823-1896), a câmara fotográfica podia, inclusive, ser considerada como “o olho da história”.

Em um mundo que se tornava a cada dia mais “próximo” e mais “veloz”, a invenção da fotografia representou a criação de um poderoso instrumento para a exploração visual do espaço e a compreensão do tempo vivido, com repercussões inevitáveis nos conceitos de temporalidade e espacialidade que norteavam a existência humana. Onipresente na vida privada, na circulação de informações, nas aplicações as mais diversas, a fotografia criou uma nova forma de representação dos indivíduos e das sociedades para si próprias e para a posteridade. Para Turazzi (2005) o que significa como desdobramento, que a fotografia, além de revolucionar a memória individual, também transformou as memórias coletivas e, conseqüentemente, suas possibilidades de utilização pela história como documento.

Para a maioria dos historiadores contemporâneos, o conhecimento histórico se constrói e se renova a cada dia com o estudo e o questionamento de fontes de informação diversificadas, documentos textuais, visuais, orais, arqueológicos e

arquitetônicos, entre outros. Trata-se, portanto, de uma outra postura metodológica diante dos documentos históricos em geral, na qual se inclui o documento fotográfico. Para Jacques Le Goff (1984, p.103), o documento histórico deve ser encarado como “ (...) o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver”.

Segundo Le Goff:

“[...] a história deve fazer-se com documentos escritos que há [...] e [...] com tudo o que a engenhosidade do historiador permite utilizar para fabricar seu mel quando faltam as flores habituais: com palavras, sinais, paisagens e telhas; com formas de campos e com mais ervas; com eclipses de lua e com arreios. [...] em suma com tudo o que, sendo próprio do homem, dele depende, lhe serve, o exprime e torna significativa sua presença, atividades, gostos e maneiras de ser” (LE GOFF, 1994 p. 107).

Embora a fotografia constitua um vestígio do que já existiu, ela não pode ser considerada por si só uma imagem exata do que vemos. A fotografia apenas capta um momento e só terá relevância e valor na memória histórica se vier acompanhada de narrativas que trarão para os que vêem a foto naquele momento toda a magia que está oculta no instante ali eternizado. É como se a narrativa de uma pessoa que conhece as histórias daquela fotografia emoldurassem o que ela (fotografia) já demonstra por si mesma, na intenção de complementá-la e reinventá-la.

A eficácia da imagem fotográfica repousa na sua capacidade de mesclar a estranheza do que mostra com a intimidade de nossa memória. Enquanto produção antecipada de memória, ela guarda uma proximidade com o acervo de nossas recordações pessoais. O conteúdo “verista” ou a realidade figurada na fotografia, muitas vezes, tem um papel secundário, ganhando relevo os efeitos suscitados naquele que os contempla (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 459).

Nesta mesma linha de pensamento, Ana Maria Mauad (2004) também considera a fotografia uma fonte histórica, porém ressalta que a análise desse tipo de fonte requer do historiador uma postura teórica de caráter transdisciplinar, ou seja, para se utilizar da fotografia como fonte de pesquisa, temos que adentrar em outros campos disciplinares como literatura, filmes, entre outros. Segundo a autora o historiador deve partir do pressuposto de que a fotografia é um testemunho válido, não importando se o registro foi feito para documentar um fato ou representar um estilo de vida.

As fotografias guardam, na sua superfície sensível, a marca indefectível do passado que a produziu e consumiu. Um dia já foram memória presente, próximas àqueles que as possuíam, as guardavam e colecionavam como relíquias, lembranças ou testemunhos. No processo de constante vir a ser recuperam o seu caráter de presença num novo lugar, num outro contexto e com uma função diferente. Da mesma forma que seus antigos donos, o historiador entra em contato com este presente/ passado e o investe de sentido, um sentido diverso daquele dado pelos contemporâneos da imagem, mas próprio de ser estudado (MAUAD, 2004, p. 26).

A dificuldade de entendimento e da leitura de imagens fez com que muitos pesquisadores vissem a fotografia com certo receio e, ainda hoje, esbarrem nesta dificuldade do uso de imagens como fonte histórica, considerando ainda o documento escrito como uma fonte mais segura. Desse modo, a fotografia normalmente acaba sendo subutilizada, ainda assim, somente como um mero recurso ilustrativo para a pesquisa.

Seria importante ressaltar, como bem lembra Josep Fontana:

“As nossas recordações não são restos descoloridos de uma imagem fotográfica que reproduz fielmente a realidade, mas sim uma construção que fazemos a partir de fragmentos de conhecimentos que já eram, na sua origem, interpretações da realidade e que, ao voltarmos a reuni-los, reinterpretemo-lo à luz de novos pontos de vista”. (FONTANA, 1998, p. 267)

Dessa maneira, as fotografias como afirma Boris Kossoy são como fragmentos congelados de momentos específicos do passado. São verdadeiras detonadoras de emoções. Elas nos trazem a memória de algo que aconteceu em um “espaço-tempo” específico, uma recordação de um momento, não traduzível com a utilização somente de palavras. Combinadas as fotos com os relatos orais dos entrevistados, entre outros registros importantes, poderemos revisitar o passado e conhecer a trajetória de pessoas e comunidades.

Para Kossoy (1989), toda e qualquer fotografia, além de ser um resíduo do passado, é também um testemunho visual onde se pode detectar, tal como ocorre nos documentos escritos, não apenas os elementos constitutivos que lhe deram origem do ponto de vista material. No que toca à imagem fotográfica, uma série de dados poderão ser reveladores, posto que jamais mencionados pela escrita da história. Por outro lado, apesar de sua aparente credibilidade, nelas também ocorrem omissões intencionais, acréscimos e manipulações de toda a ordem.

Uma fotografia é um reflexo congelado de um instante do real. Mesmo considerando as intencionalidades da existência da mesma, o filtro cultural exercido

pelo fotógrafo e a reconstrução que fazemos de nós mesmos diante de uma câmera fotográfica, faz com que ela traga um fragmento do passado, uma memória de um momento acontecido.

Observando tais questões, uma fotografia produzida no passado também pode ser considerada uma espécie de monumento, pois, como destaca Le Goff (1984, p.103), todo documento reflete “o esforço das sociedades históricas para impor ao futuro, voluntária ou involuntariamente determinada imagem de si próprias”. Desta forma podemos dizer que toda imagem fotográfica tem atrás de si uma história. Se, enquanto documento, ela é um instrumento de fixação da memória e, neste sentido, nos mostra como eram os objetos, os rostos, as ruas, o mundo, ao mesmo tempo, enquanto representação, ela nos faz imaginar o não manifesto, a emoção e a ideologia do fotógrafo.

Cardoso (1997) destaca a importância da fotografia como marca cultural de uma época, não só pelo passado ao qual nos remete, mas também, e principalmente, pelo passado que ela traz à tona. Um passado que revela, através do olhar fotográfico, um tempo e um espaço que fazem sentido. Um sentido individual que envolve a escolha efetivamente realizada; e, outro, coletivo, que remete o sujeito à sua época. A fotografia, assim compreendida, deixa de ser imagem retida no tempo para se tornar uma mensagem que se processa através do tempo, tanto como imagem/documento quanto como imagem/monumento.

Sua importância é ressaltada por Le Goff (2003) por que a coloca entre as manifestações mais significativas da memória coletiva. A fotografia revolucionou a memória: multiplicou e a democratizou, dando uma precisão e uma verdade visual nunca antes atingida, permitindo, assim, guardar a memória do tempo e da evolução cronológica.

A invenção e o desenvolvimento da fotografia fortaleceram a crença na evolução humana e no progresso das sociedades segundo a perspectiva eurocêntrica de um tempo linear, sucessivo e cronológico para a história de todos os povos. Para Turazzi (2005) as imagens fotográficas logo estabeleceram uma ponte entre as diferentes épocas da existência humana: de um lado, essas imagens evocavam um passado distante representado por pirâmides egípcias, ruínas greco-romanas; de outro, elas conferiam um sentido histórico aos acontecimentos do presente fixados para a posteridade. Graças às possibilidades criadas pela fotografia para o registro imediato do tempo presente e, conseqüentemente, para sucessivas

releituras do transcurso do tempo na vida dos indivíduos e das sociedades, as imagens fotográficas não demoraram a se transformar em uma das principais ferramentas da memória, tanto a individual como a coletiva.

A difusão do retrato fotográfico estimulou a coesão social e as identidades coletivas. Jacques Le Goff (2003, p.473) entende que a história que fermenta a partir do estudo dos “lugares” da memória coletiva, “(...) lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios ou as arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais como os manuais, as autobiografias ou as associações: estes memoriais têm a sua história”. Mas não podemos esquecer os verdadeiros lugares da história, aqueles onde se deve procurar, não a sua elaboração, a produção, mas os criadores e os denominadores da memória coletiva: “Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória”.

Nesta conceituação faz-se necessário perceber a complexidade das discussões em torno da história. De acordo com Le Goff (2003) para a história, não são apenas os lugares de memória importantes, mas também os produtores e criadores da memória, uma vez que se percebe na sociedade do século XX a importância do papel que a memória coletiva desempenha se considerarmos o processo de desenvolvimento das sociedades e observa-se que essa memória, além de uma conquista, é um instrumento, e objeto de poder.

Maurice Halbwachs (1990), com base na sociologia da memória, afirma que a memória é construída por grupos sociais e são esses grupos que determinam o que vai ou não ser lembrado. A memória, nesse sentido, é a reconstrução de fragmentos do passado da história. Existe ainda a presença da “amnésia social”, a supressão ou esquecimento de outros acontecimentos da cena histórica que é praticada pelos historiadores ao recortarem tempo, espaço, documentos e objetos de estudos, ocorrendo assim, seleção de fatos.

As reflexões acerca dos dispositivos da memória, em que Le Goff pensa a memória enquanto um fenômeno social pode ser vista como uma seletiva reconstrução do passado, baseada em ações subseqüentes, percepções e novos códigos, por meio dos quais delinea-se, simboliza-se e classifica-se o mundo à nossa volta. A memória adapta o passado para enriquecer e manipular o presente.

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. “Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (Le Goff, 2003, p. 477). Essa seleção do passado é feita pela história que se configura como uma construção seletiva e subjetiva desse mesmo passado.

Quando compartilhamos memórias e experiências que são pessoais porque vividas por nós, mas que são, ao mesmo tempo, coletivas, além de mobilizarmos conteúdos que são individuais, acordamos sentidos construídos na vida coletiva, sentidos que são nossos mas são, ao mesmo tempo, de nosso tempo e lugar.

## **A HISTÓRIA LOCAL NO COTIDIANO ESCOLAR: A CIDADE DE MARIA HELENA**

Entender a história da cidade através dos personagens vivos e ativos da comunidade faz com que a análise historiográfica esteja aberta às experiências humanas e as transformações sociais sejam apreendidas com mais profundidade. Da mesma forma, a vivência dos alunos no cotidiano da sala de aula, atualiza o debate histórico.

Essa nova forma de se interpretar os fatos históricos buscava fugir da história historicizante: uma história que se furtava ao diálogo com as demais ciências humanas, a antropologia, a psicologia, a lingüística, a geografia, a economia, e, sobretudo, a sociologia. Não mais uma mera história do pensamento onde se estudavam os grandes nomes de uma dada corrente ou escola. Mas enxergar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo.

A construção historiográfica vem trazendo novos conceitos, entre eles a História Local, que parece óbvio, mas durante muito tempo não era trabalhada por historiadores como deveria ser. Já que as histórias das localidades ficavam restritas à política, religião, e fatos isolados, deixando de lado ricos detalhes que explicariam muito mais a realidade do local, além de criar uma identidade cultural mais forte, lembrando que o agente histórico estaria mais próximo dos fatos.

Reznick citado por Filho, afirma sobre a história local:

“Ao eleger o local como circunscrição de análise, como escala própria de observação, não abandonamos as margens (...), as normas, que, regra geral, ultrapassam o espaço local ou circunscrições reduzidas. A escrita da história local costura ambientes intelectuais, ações políticas, processos econômicos que envolvem comunidades regionais, nacionais e globais. Sendo assim, o exercício historiográfico incide na descrição dos mecanismos de apropriação — adaptação, resposta e criação — às normas que ultrapassam as comunidades locais”. (Filho, 2005: p. 7)

Acreditou-se durante um bom tempo que escrever a história era descrever os eventos vividos pelo homem, sempre se apoiando em interpretações generalizantes, nas quais somente as “grandes questões” tinham espaço.

Acerca da História local, Seabra (apud: Gonçalves, 2005, p.55), justificou sua importância afirmando que poderemos considerá-la como história experimental na medida em que se fazem releituras e descobertas constantes, que poderão aprofundar os conhecimentos simplistas e lineares das sínteses sempre inacabadas. Trata-se de uma atividade de investigação que parte de pequenas instâncias espaciais, mas não pretende parar nelas.

A História Local propicia ao pesquisador uma idéia muito mais imediata do passado, permitindo que a memória nacional possa ser encontrada ou re-encontrada, ouvida, lida nas esquinas, nas ruas, nos bairros. Nessa direção, trabalhar com a história local implica analisar uma determinada singularidade em meio a uma totalidade, sob um movimento dialético entre a micro-história e a macro-história, para não cair no erro de relativizar os acontecimentos, idealizando grupos e acontecimentos.

Para Roger Chartier (1999), a micro-história é reveladora de estudos sobre as sociedades, pois tem demonstrado a possibilidade de se pensar à representatividade a partir de um caso excepcional, controlando a sua excepcionalidade a partir do que se pode saber da cultura partilhada ou da organização social.

“É o saber da História como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar”. (FREIRE, 1996, p. 85,86)

Dentro desta proposta de ensino de história se insere a intervenção pedagógica desenvolvida com os alunos do Colégio Estadual Professora Leonida

Pacheco, onde o trabalho com a história local se constituiu, então, como uma possibilidade teórico-metodológica para desenvolver no aluno as habilidades de pesquisa, síntese, compreensão e transmissão do conhecimento sobre determinada realidade, mais próxima. Trabalhamos com os alunos a concepção de que a história regional e local não são reflexos fiéis da história nacional, mas que é o resultado de uma interação reciprocamente determinante de forças locais e globais cuja lógica deve primeiro ser compreendida em seus próprios termos; é melhor conceituada como o reflexo de uma dialética de articulação entre um sistema local e o contexto em que o mesmo se insere.

### **Relato da Experiência**

As várias transformações pela quais passaram a sociedade contemporânea, bem como as novas perspectivas historiográficas, como as relações entre história e memória têm estimulado o debate entre os historiadores que atuam em todos os níveis de ensino sobre a necessidade de novos conteúdos e novos métodos de História.

Nesta procura por novos métodos que estimulem crianças e adolescente a fotografia aparece como um expoente, já que se pode dizer que esta geração de adolescente está sempre fotografando, seja com seus celulares ou máquinas digitais.

Se a fotografia os encanta porque não utilizá-la em sala como elemento motivador da aprendizagem da história?

Partindo desses questionamentos iniciamos o desenvolvimento da implementação de uma proposta metodológica de ensino de história, tendo como foco principal a história regional sem deixar de lado a contextualização, pois a história regional tem que estar interligada a um contexto maior para ter um sentido. Trabalhar com a história regional implica analisar uma determinada singularidade em meio a uma totalidade, sob um movimento dialético entre a micro-história e a macro-história.

Numa etapa inicial discuti com os alunos como o conhecimento histórico é construído, quais as fontes utilizadas, e apresentei a fotografia como documento histórico e não mais como uma imagem utilizada apenas como ilustração.

Quanto à história da região apresentei um breve histórico do que existe em pesquisa sobre a região noroeste do Paraná, bem como sobre a história da cidade de Maria Helena, e discutimos a possibilidade de utilizar o documento fotográfico como fonte de preservação da memória local. Enfatizei também o fato da fotografia ser uma linguagem que remete diretamente à realidade visual e, por isso, servir como registro e documentação de fatos, memórias e costumes. Neste momento apresentei algumas fotografias da cidade de Maria Helena da década de 60 e fotos atuais de uma mesma avenida, então analisamos as permanências e mudanças, bem como os recursos técnicos utilizados pelo fotógrafo em cada época.

Essa primeira etapa foi considerada de extrema importância para levar os alunos a se interessarem pela história da cidade, bem como para motivá-los para a segunda etapa, a montagem da mostra fotográfica, que teve como objetivo principal efetuar o levantamento sócio-histórico e cultural da cidade de Maria Helena e de sua gente para que a história não se perca e com a identidade de um povo, pois pertencemos a este local, uns por pouco tempo, outros por uma vida inteira.

Na etapa seguinte passamos a organização da mostra fotográfica. Para a realização das atividades foram criadas equipes de trabalho com os alunos. Numa primeira etapa todos foram mobilizados, para que resgatassem as fotos, em arquivos públicos bem como das famílias dos alunos e das pessoas que se prontificassem a participar do projeto.

Essas fotos coletadas foram divididas por temática já que foram muitas as fotos coletadas e de temas diversos. Optamos em dividir em quatro temas: as mudanças no espaço urbano e prédios públicos; álbum de família; Edificações: Igrejas e Escolas.

Essas fotos foram digitalizadas e ampliadas, sendo colocadas em pôsteres e painéis. Também, foram coletadas informações sobre as fotos selecionadas, principalmente as que compunham a temática “Álbum de Família”, devido a sua diversidade. Esses relatos de experiências foram resumidos e colocados em curtas legendas, para auxiliar o público na identificação e entendimento das fotografias. Para realizar a investigação do documento fotográfico foi seguindo algumas orientações: identificar a origem; natureza; autor ou autores; datação; pontos importantes relacionando essas informações com os conhecimentos prévios coletados sobre o contexto pesquisado.

Neste momento a que se ter cuidado com a forma que as informações são expostas, pois sabemos que todo documento fotográfico é produzido por uma pessoa que tem uma intencionalidade, como afirma Boris Kossoy à fotografia é resultante da ação do homem, o fotógrafo. Toda imagem fotográfica tem atrás de si uma história. Se, enquanto documento, ela é um instrumento de fixação da memória e, neste sentido, nos mostra como eram os objetos, os rostos, as ruas, o mundo, ao mesmo tempo, enquanto representação, ela nos faz imaginar o não manifesto, a emoção e a ideologia do fotógrafo.

A fotografia é resultado de um jogo de expressão e conteúdo que envolve, necessariamente, três componentes de acordo com Ana Maria Mauad (2004): o autor, os personagens e o leitor. Cada um destes três elementos integra o resultado final, à medida que todo o produto cultural envolve um local de produção e um produtor, que manipula técnicas e detém saberes específicos à sua atividade, um leitor ou destinatário, concebido como um sujeito transindividual cujas respostas estão diretamente ligadas às programações sociais de comportamento do contexto histórico no qual se insere, e por fim um significado aceito socialmente como válido, resultante do trabalho de investimento de sentido.

Identificada as fotografias e coletadas as informações complementares, passamos a organização da mostra fotográfica, que foi realizada no Colégio Estadual Leonidia Pacheco das oito horas as vinte e duas horas, dividimos a apresentação respeitando a mesma temática que utilizamos na organização das fotos. Os alunos foram divididos em grupos e ficaram nas salas colhendo depoimentos e impressões que os visitantes da mostra demonstravam no ato de contemplação das fotografias.

É neste ato de contemplação que o caminho que separa o personagem das pessoas fotografadas é percorrido, inserindo-o no seio do grupo familiar, de uma história que é sua e daqueles ali retratados. Os retratos de família e das edificações escolares despertaram nas pessoas que visitaram a mostra o sentido de pertencimento a um grupo, a uma história, garantindo sua humanidade. A compreensão comum dos símbolos e dos significados e a comunhão de noções que compartilhamos com os membros do grupo social definem o caráter social das memórias individuais. É este "sentimento de realidade" a base para a reconstrução do passado. No ato de lembrar nos servimos de campos de significados que nos servem de pontos de referência. As noções de tempo e de espaço, estruturantes dos

quadros sociais da memória, são fundamentais para a rememoração do passado na medida em que as localizações espaciais e temporais das lembranças são a essência da memória. Apesar de o homem e a mulher só poderem ter memória de seu passado enquanto ser social, cada um traz em si uma forma particular de inserção nos diversos meios em que atua. Para Halbwachs (1990) cada memória individual é um ponto de vista da memória coletiva, e esse ponto de vista varia de acordo com o lugar social que é ocupado; e este lugar, por sua vez, muda em função das relações que se tem com outros meios sociais.

Nunca ficamos passivos diante de uma fotografia: ela incita nossa imaginação, nos faz pensar sobre o passado, a partir do dado de materialidade que persiste na imagem. Um indício, um fantasma, talvez uma ilusão que, em certo momento da história, deixou sua marca registrada, numa superfície sensível, da mesma forma que as marcas do sol no corpo bronzeado, como lembrou Dubois (1993). Num determinado momento o sol existiu sobre aquela pele, num determinado momento aquilo existiu diante da objetiva fotográfica, diante do olhar do fotógrafo, e isto é impossível negar.

A utilização das fotografias a partir da constituição dos eixos temáticos suscitou informações valiosas e mesmo esclarecedoras sobre o modo de vida e a evolução social e material da comunidade em estudo. De certo modo, elas preservaram um sentido intencional ao registrar as mudanças ocorridas nessa mesma comunidade.

Os comentários sobre as fotografias quando colhíamos as informações complementares, bem como no decorrer da mostra fotográfica, propiciaram um fluxo bastante dinâmico e espontâneo das falas, ao mesmo tempo em que estimularam a memória dos nossos informantes sobre determinados temas, além de ajudar no esclarecimento de alguns pontos sobre a origem das fotografias e personagens que as compunham. As fotos puderam, assim, nos termos de Mirian Moreira Leite funcionar como:

Um desencadeador de lembranças múltiplas e constituir, de um lado, uma forma de resgatar um passado esquecido e, de outro, no caso do pesquisador, um estímulo formulador de hipóteses para testar a comunicação das fotografias e o seu esquecimento temporário ou total. Pelo menos as deformações progressivas da memória, que ampliam ou alteram o material original. (LEITE:1993,p.135)

As fotografias pertencentes às famílias, na maioria das vezes produzidas por amadores, conseqüentemente são dessemelhantes, o que potencializa ainda mais a pregnância do tempo e das influências e condicionantes culturais do grupo. Esse aspecto se torna bastante interessante na medida em que possibilita perceber como o grupo ou a comunidade fotografa e se permiti fotografar; noutros termos, a maneira como o grupo se vê ou a visão que pretende preservar de si para a posteridade.

A ainda a que se considerar, o enquadramento da cena e seu recorte que podem ser elucidativos também para conhecermos os recursos técnicos empregados, os quais permitem reconhecer o contexto da sua produção, sugerindo algumas das escolhas dos fotógrafos ou daqueles a quem a fotografia foi encomendada.

Nas fotografias que trabalhamos na temática “Álbum de Família”, observamos esse sentido de eternização dos grandes momentos do grupo, também a situações muitas vezes banais do cotidiano, mas que têm uma dimensão muito expressiva para o grupo e para as famílias que o compõem. Elas servem ou serviram para reforçar o sentimento de integração e pertença que o grupo construiu de si mesmo e de sua unidade, e talvez seja por essa razão que, o efeito de realidade da fotografia supere à percepção dos arranjos que o fotógrafo faz. As imagens sugerem escolhas, ao mesmo tempo em que dão mostras da trajetória histórica das pessoas e do desenvolvimento urbano e de suas respostas adaptativas a todas as formas de pressões e mudanças.

Nas fotografias coletadas percebemos que elas não se atêm apenas às agruras da vida e às tentativas de sua superação, retratam também cenas de passeios, divertimentos e festividades, que no fundo compõem os momentos mais saudosos das lembranças que alimentaram a nostalgia de muitos relatos. Outras entretanto representam esses ritos de passagem, como casamentos, batizados, e têm uma dimensão significativa mais privada e familiar do que coletiva. As fotografias encontradas, devido em parte a limitações técnicas, foram em maioria realizadas em ambientes abertos, à luz do dia, geralmente envolvendo tomadas que enfatizam o coletivo; não apenas em situações solenes, mas em instantâneos do cotidiano, como na derrubada das matas no início da colonização da cidade, no trabalho no campo—plantio de café, na abertura de estradas, na construção de casas, pontes, escolas e igrejas.

Nas reuniões solenes, cunho religioso e cívico, as vestimentas, expressam o sentido de uma coletividade que prospera e que se edifica enquanto comunidade. As fotografias das edificações que são significativas a nostalgia dos tempos vividos é denotadas na fala dos visitantes da mostra.

Nossa pesquisa deu ênfase nas tomadas do trabalho coletivo, nos retratos de família, no desenvolvimento e transformação do espaço urbano, vinculando à dimensão da conquista e da edificação da comunidade que se quer transmitir ou preservar. As cidades possuem trajetórias históricas próprias e particularizadas que precisam ser identificadas, vitalizadas pela ação do relato, da memória, da imagem/fotografia, fortalecendo a consciência histórica, o sentimento de pertencimento, de identidade, elementos fundamentais para a formação da cidadania almejada para todos numa sociedade inclusiva e realmente democrática.

Através da pesquisa e coleta das fotografias, pudemos resgatar parte da nossa história e motivar professores, alunos a se tornarem também pesquisadores que vão preservar a memória local, ponto de referência para dizermos quem somos e de onde viemos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões apresentadas neste artigo e os encaminhamentos brevemente apresentados visaram sensibilizar a comunidade escolar, em especial os docentes que atuam na disciplina de história para a importância de se preservar a memória local, e evidenciar o potencial dos documentos fotográficos guardados em arquivos públicos ou particulares como os álbuns de família, como fontes para um eixo temático importante de trabalho na escola, com a história e memória da comunidade, contribuindo para um ensino mais significativo e potencialmente mais interessante para os alunos, e para o diálogo mais efetivo com a comunidade.

Os documentos e temas relacionados à história local permitem o trabalho do professor, no ensino de História, desde os anos iniciais do ensino fundamental até o ensino médio, partindo-se do pressuposto de que o que parece natural e familiar ao aluno fará mais sentido e será mais interessante para ele, quando perceber que a realidade que o cerca não é tão natural como ele imaginava.

A história da cidade e dos grupos sociais que a compõem, por estar presente em diferentes tempos, espaços, culturas e sociedades, funciona como um eixo temático muito profícuo para o ensino de História, considerando-se que o trabalho com documentos não pressupõe uma dissociação dos conteúdos formais, ou seja, do currículo estabelecido. Um ensino de história que não se restringe aos livros didáticos aos textos científicos, mas que está aberto ao debate com a sociedade, construindo-se e reconstruindo-se no ambiente escolar, ouvindo o aluno e percebendo o seu meio. Pensando, refletindo, intervindo sem jamais se entregar a um discurso fatalista.

História local que não se restringe ao nome de ruas, personagens importantes ou datas comemorativas, mas que insere o aluno em um contexto histórico que lhe é comum, relacionado com toda uma conjuntura nacional e internacional. Aprendendo a partir do que está mais próximo, problematizando situações diárias na vida do estudante e inserindo-as na dinâmica de um contexto histórico mais amplo, o professor consegue não só estimular o aluno a entender a história, vendo a disciplina como algo relevante, mas motiva-o a interagir na construção e elaboração do conhecimento, através do diálogo democrático e de uma ação efetiva que o conduz a conscientização de sua cidadania.

O desenvolvimento das atividades buscou, portanto, trabalhar no resgate da história do lugar, identificado como “lugar” aquele que nos dá o sentimento de pertencer e concretiza e fornece raízes à nossa identidade. Temos consciência de nossa existência humana, de nossa trajetória social e histórica que não é linear, a partir de referências de um determinado espaço, pois interagimos culturalmente com ele. Diante desse pressuposto, alunos, professores e visitantes passaram a olhar a cidade de Maria Helena da perspectiva de ver “lugares” repletos de histórias que escapam das explicações de uma história única e oficial que a cidade, ou pelo menos o discurso vigente tenta impor e, até mesmo ensinar.

Buscamos, portanto, as formas de identidade individual e coletiva dos sujeitos, homens e mulheres, percebendo as diferenças étnicas, raciais, culturais, religiosas econômicas e políticas existentes e relacionando-os com outros espaços e temporalidades por um diálogo entre o presente e o passado, entre o micro e o macro universo.

Assim, o trabalho com fotografias se revelou como uma metodologia motivadora para o ensino de história regional, bem como mundial, pois os alunos compreenderam que os acontecimentos da região são interligados aos fatos e acontecimentos mundiais, e isso torna a história uma disciplina interessante e próxima da realidade deles. Sem dúvida como professores é preciso inserir no cotidiano da prática escolar novas metodologias, meios e recursos para tornar a aprendizagem prazerosa e conseqüentemente mais eficaz.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. **História e Imagem: Os Exemplos da Fotografia e do Cinema**. In. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História – Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHARTIER, Roger. In: **Pós-História**. Assis - SP v 7, P:11 - 30. 1999. (UNESP).

DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico**. Campinas: Pairus, 1993.

FILHO, Mozart Lacerda. **Nova História Cultural e micro-história: uma breve reflexão de suas origens**. Revista Museu, 2005.

Disponível em <<http://www.revistamuseu.com.br/default>> acesso em 16 dez. 2007.

FONTANA, Josep. “**Reflexões sobre a História do Além do Fim da História**”. in: A História para além do Fim da História, EDUSC, São Paulo, 1998.

GONÇALVES, José Henrique Rollo. História Local: conceitos, preceitos e preconceitos. In: MORELI, Ailton José (org.). **Introdução ao Estudo da História-formação de professores EAD**. Maringá: UEM, 2005, p. 45-57.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989.

LEITE, Mirian Moreira. **Retratos de Família**. São Paulo: Edusp, 1993.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

**Documento/monumento**. In: Romano, Ruggiero (Org.). Enciclopédia 1984 Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional. (Memória e História, 1). p.95-106.

MAUAD, Ana M. . Fotografia e História: possibilidades de análise. In: Maria Ciavatta; Nilda Alves. (Org.). **A Leitura de Imagens na Pesquisa Social: História, comunicação e Educação**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2004, v. 1, p. 19-36.

\_\_\_\_\_. **Através da Imagem: Fotografia e História Interface**. Disponível em:

<<http://www.historia.uff.br/labhoi/modules/rmdp1/uploads/May07nGmehMYFatravesimagem.pdf>> acessado em novembro de 2008.

\_\_\_\_\_. **Tramas do Tempo: fotografia como suporte de experiências e memórias**. Disponível em <[http://www.pr.gov.br/arquivopublico/pdf/tramas\\_tempo.pdf](http://www.pr.gov.br/arquivopublico/pdf/tramas_tempo.pdf)> acessado em novembro de 2008.

TURAZZI, Maria Inez. Projeto Arirabá: **A Fotografia e o Ensino de História**. São Paulo: Editora Moderna 2005

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

SCHAPOCHNIK, Nelson. **Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade**. In: História da vida privada no Brasil. v. 3 (República: da Belle Époque à era do rádio). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.